

A metapoética de *home* na obra de Conceição Lima*

Élen Rodrigues Gonçalves**

Prisca Agustoni de Almeida Pereira***

RESUMO: Pretende-se lançar neste artigo um olhar contestador dos discursos hegemônicos que atuam sobre realidade cotidiana de países subdesenvolvidos, a fim de analisar se, na obra de Conceição Lima, o sujeito subalterno tem voz, especialmente, o sujeito negro feminino. Propõe-se uma observação dos lugares de convergências de multiplicidades culturais que contribuem para renegociar experiências, a fim de explorar como a sua escrita renegocia questões relacionadas à sua identidade que é, especialmente, diaspórica.

Palavras-chave: Conceição Lima; literatura de autoria feminina; poesia de São Tomé e Príncipe.

São Tomé e Príncipe reúne hoje algumas das constantes mais significativas da poética africana de expressão portuguesa, espelhadas na obra de uma de suas maiores poetisas. O problema da libertação do homem de cor, que ultrapassa as fronteiras do arquipélago para refletir uma amplitude de caráter mundial, a experiência feminina em meio a uma sociedade tradicionalista e patriarcal, os laços familiares, estreitados devido a um passado de violência, são umas de suas tônicas, a partir das quais é possível desvelar de que forma as identidades culturais de São Tomé e Príncipe reedificaram-se após o processo de descolonização, no cenário pós-independência.

As condições de vida, educação, trabalho e saúde da mulher santomense ainda são um tema preocupante na atualidade. Por esse motivo, o Instituto Nacional de Estatística da República Democrática de São Tomé e Príncipe, em seu último Recenseamento Geral da População e Habitação, intitulado *Mulheres em São Tomé e Príncipe*, publicado em 2014, procurou realçar as particularidades desse grupo considerado mais vulnerável. Desde o ano de independência de São Tomé e Príncipe, a discriminação contra a mulher é uma preocupação frequente da Organização das Nações Unidas, que tem tentado promover medidas para diminuir a desigualdade de gênero ainda presente no país.

Embora se tenha aberto um espaço para a discussão da problemática feminina e para a promoção da igualdade de gênero, a desproporção entre mulheres e homens quanto a oportunidades no mercado de trabalho, bem como ao acesso à educação evidenciam ainda a desproporção existente, especialmente, no âmbito social e político. “A título de exemplo: o Inquérito ao Orçamento Familiar – IOF realizado em 2010 revelou que a pobreza afeta mais as mulheres (71,3%) do que os homens (63,4%) com diferenças significativas entre os distritos” (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA – MULHERES EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 2014, p. 14).

Ainda, segundo o Recenseamento, “a identidade da mulher é tão marcada pelos padrões de uma sociedade patriarcal, cujos valores estão tão impregnados na sociedade que, tanto as mulheres como os homens acabam por considerá-los naturais” (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA – MULHERES EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 2014, p. 16). Embora o ano de independência do país tenha coincidido com o período em que a Organização das Nações Unidas declarou como o Ano Internacional da Mulher, na 1ª Conferência Mundial da Mulher, esse fato não significou propriamente a promoção da igualdade entre os sexos na sociedade santomense, mesmo porque, nessa época, sua representação na vida socioeconômica e política era ainda demasiadamente cerceada (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA – MULHERES EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 2014, p. 16).

De acordo com Patricia McFadden (2016), ativista feminista e natural da Suazilândia, o período de movimentos nacionalistas em prol das independências dos países africanos foi,

inicialmente, um terreno propício para que as mulheres pudessem intervir politicamente, como indivíduos ativamente inseridos na sociedade, participando de “um projecto nacional para a libertação e auto emancipação, apesar das suas limitações patriarcais falhadas e da inevitável masculinidade como uma prática política e mais tarde do estado” (MCFADDEN, 2016, p. 5).

Segundo a socióloga, embora tenha sido natural para as mulheres ter estabelecido uma espécie de vínculo de lealdade com o nacionalismo, deve-se atentar para o fato de esse sentimento algumas vezes carregar suas limitações, porque é comum perceber ainda “práticas de conluio com resquícios patriarcais feudais em locais onde a maioria das mulheres africanas se encontram localizadas e na consciência cultural e social das mulheres africanas em geral” (MCFADDEN, 2016, p. 5). Como solução, a autora vê a necessidade atual de intelectuais femininas africanas estabelecerem uma ruptura – “ideológica e conceptual” (2016, p. 5) – com esse nacionalismo que de certa forma ainda suplanta a figura da mulher, para que seja possível vislumbrar um futuro promovido por novas práticas, teorias e pensamentos capazes de construir uma nova nação, em que a figura feminina tenha mais espaço.

A poética feminina africana atual estabelece um mergulho nos vazios e silêncios de uma sociedade que, embora suprima a voz feminina em nome de uma tradição e de costumes milenares, cujas fortes raízes, profundamente entranhadas no solo africano, deixam transparecer um legado de dor e opressão. Em contrapartida, a própria fortaleza dessas raízes perenes pode ser interpretada como o ressurgimento de uma força maior, transfigurada, especialmente na poética de Conceição Lima, em útero materno. Demudada, portanto, em Terra / Nação / Mulher, ao desdobrar-se simbolicamente no espaço físico e subjetivo que seus significados carregam, essa força configura um desejo de identidade que – em tempos de intolerância, racismo, xenofobia – é assumido fortemente por Conceição Lima ao colocar-se na posição de porta-voz de um povo, uma pátria, uma etnia – todos ávidos pela possibilidade de um renascimento e uma conscientização em prol do novo.

A poética de Conceição Lima, nesse caso, não desaponta porque ela exerce o papel de questionamento e de formação de um espaço favorável ao desvendamento de todas as interdições, em busca da verdade de seu próprio ser e de seu país. Em um de seus poemas que compõem *O útero da casa*, intitulado “Ilha” (2004, p. 27), declara-se:

Em ti me projeto
para decifrar do sonho
o começo e a consequência
Em ti me firmo
para rasgar sobre o pranto
o grito da imanência.

Identificando-se com a pátria e nela projetando-se, o eu poético procura decifrar o passado e o presente, isto é, “o começo e a consequência”, para, sobre eles, poder lançar um grito que, mesmo fruto da dor, é emanado da profundidade de seus sentidos. Brado que, motivado pelo passado de sofrimento de sua gente e de sua terra, exploradas ao longo dos séculos, promove a abertura de um mundo à margem, que precisa ser sobrescrito.

Nesse sentido, Davies (1994), em *Black Women, Writing and Identity*, promove essa reflexão ao problematizar a maneira como os mapas geográficos¹ são idealizados, a fim de manter as separações artificiais sem favorecer as diferenças culturais, étnicas ou mesmo linguísticas, no período do neocolonialismo. Para isso, a autora aponta a necessidade de se criarem novas políticas de localização geográfica, especialmente, porque, para ela,

geografia encontra-se deliberadamente associada à cultura, à linguagem, à habilidade de ouvir e a uma variedade de formas de articulações. É onde o sujeito fala a partir de si e quem é capaz de compreender, interpretar, é quem dá atualidade à expressão de um indivíduo (DAVIES, 1994, p. 20, tradução nossa)².

Ao indagar como ocorre a recepção das escritas de mulheres Negras³ em uma sociedade na qual sua produção é desvalorizada, Davies explica que “a subjetividade autobiográfica de mulheres Negras é um dos caminhos nos quais os discursos podem ser articulados e as geografias redefinidas” (1994, p. 21, tradução nossa)⁴. Por isso, a associação íntima entre o corpo feminino e a própria pátria no poema – “em ti me projeto”, “em ti me firmo”-, entrelaçada a acontecimentos históricos e lembranças pessoais de Conceição, em toda a obra, não é gratuita, uma vez que, ao liquefazer o corpo feminino até que ele se incorpore à natureza africana, tornando-se a mesma matéria, a intenção verdadeira é irromper da concretude o lugar de fala feminino.

Preocupando-se, portanto, não só com a formação da identidade do arquipélago de origem, no período pós-independência, a poeta inquieta-se, sobretudo, com a construção da identidade feminina no meio social, a partir do qual advém sua singularidade. Ao analisar a poesia da santomense, Inocência Mata declara que sua poética é produtora de símbolos de resistência, muitas vezes protagonizados por personagens reais. Esse artifício, segundo ela, seria utilizado para se “mudar o *status quo* atual – que a independência não logrou alterar” (MATA, 2006, p. 243). Dessa forma, a poeta potencializa os lugares de sua vivência que não foram púidos pelo processo histórico, dando-lhes um caráter atemporal.

Em outras palavras, sua escrita alimenta “a exposição de mágoas até então caladas pelos preceitos da oportunidade, a recuperação de fiapos de lembranças felizes do tempo de euforia e da memória de uma vivência feita não apenas de afetos, mas de ação formativa” (MATA, 2006, p. 243).

Vale ressaltar que as identidades culturais encontram-se em constante processo de transformação, e aquelas, que antes se consideravam estáveis e homogeneizantes, estão liquefazendo-se em nome de uma diferenciação, tornando-se pluralizadas, diversificando as culturas de todo o planeta. Contudo, não se trata de um evento novo, tendo acontecido até mesmo com os impérios construídos ao longo da história da humanidade, que são geralmente multiculturais. Segundo Stuart Hall, apesar de milenar, esse multiculturalismo emerge e intensifica-se no período pós-guerra: “Nos primórdios do desmantelamento dos antigos impérios, vários *novos* Estados-nação, multiétnicos e multiculturais foram criados. Entretanto, eles continuam a refletir suas condições anteriores de existência sob o colonialismo” (HALL, 2009, p. 53, grifo do autor). Ainda assim, ao contrário do que se acredita, Hall considera que esse sistema não é global, uma vez que suas operações não agem com caráter uniforme e não afetam igualmente todos os lugares. Seu sistema, como sabemos, é desigual e instável, de modo que, a globalização contemporânea, da mesma forma que o pós-colonial, “é uma novidade contraditória” (HALL, 2009, p. 56), uma vez que, embora sua tendência cultural seja homogeneizante, ela tem causado efeitos de exclusão no interior das sociedades.

Em uma sociedade em que ainda se luta para desmistificar a ideia de que a mulher não tem apenas a função de reprodutora materna e de usufruto do homem, o corpo feminino é transportado para além dessa concepção misógina e machista, da qual é produto histórico. A poética da santomense, portanto, resgata criticamente uma identidade afro-insular que quer ser promotora da diferença. Embora sua obra não seja declaradamente feminista ou manifestamente panfletária, nota-se um desassossego que é suplantado pelo anseio em redefinir cenários, a fim de se alterar o presente para que seja possível vislumbrar um futuro

que promova não só a emergência das discussões em torno da igualdade, mas, sobretudo, da introdução dela.

Por isso, é possível notar a presença, em sua poesia, de uma simbologia representativa que alude, por vezes, ao corpo feminino, de forma que a mulher africana é sacralizada, tornando-se o microcosmo do continente africano, ou ainda, da identidade africana, ao personificar a força da terra, ao conter a energia necessária para se reerguer em meio a tempos difíceis e, acima de tudo, pelo poder da maternidade. Se a voz individual de um intelectual tem a capacidade de projetar-se para o coletivo, a escrita de Conceição Lima abre-se duplamente, seja para uma reivindicação literária que esteja voltada para o social, seja para a recriação de uma poética focada na valorização da subjetividade feminina.

Em *Pode o subalterno falar?*, Gayatri Spivak (2014) comenta sobre a necessidade de um espaço no qual o próprio subalterno possa falar e ser ouvido, especialmente em se tratando da mulher subalterna, em posição ainda mais marginal na sociedade, em virtude de problemas relacionados às questões de gênero, motivo pelo qual “a mulher se encontra duplamente na obscuridade” (SPIVAK, 2014, p. 90). Interessante notar que o trabalho de Gayatri Spivak é explorado por Carole Boyce Davies quando esta pretende analisar o discurso feminino no contexto pós-colonial, uma vez que a primeira desafia constantemente as mulheres do “Terceiro Mundo”⁵ a tornarem-se sua “informante”.

Spivak acredita não haver um lugar que seja pós-colonial, uma vez que a pós-colonialidade, para ela, consiste, na verdade, em um capitalismo transnacional planetário que quebra toda forma de imperialismo, de modo que todo fenômeno da mundialidade (GLISSANT, 2005) seria pós-colonial. Para Davies, Spivak é a maior estudiosa na discussão de mulheres não ocidentais em seus questionamentos quanto aos discursos nacionalistas: “o trabalho de Spivak é importante [...] quando ela articula os fundamentos teóricos dos discursos dominantes e fornece estratégias de leitura que marcam conexões surpreendentes” (DAVIES, 1994, p. 94, tradução nossa)⁶. De fato, a intenção de Spivak é “pensar a teoria crítica como uma prática intervencionista, engajada e contestadora” (SPIVAK, 2014, p. 9).

A tendência hodierna em se manter o Ocidente como Sujeito é para Spivak uma forma de tirar o poder de agência dos chamados sujeitos subalternos, isto é, “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2014, p. 14). Se a voz do sujeito subalterno é agenciada por outro, sua autonomia diante da sociedade também é perdida. A autora discorre sobre dois significados do termo “representação”, estando um deles condicionado a um “falar por” recorrente na política, e outro, a uma “re-presentação”, presente na arte ou na filosofia (2014, p. 39).

O equívoco presente nessa dualidade consistiria no fato de os dois sentidos do termo “representação” “– no contexto da formação do Estado e da lei, por um lado, e da afirmação do sujeito por outro – [estarem] relacionados, mas não irreduzivelmente descontínuos” (2014, p. 38-9). Spivak considera que a crítica voltada à formação ideológica do sujeito, bem como à ideia de formação de consciência, nesse contexto, estaria sujeita a uma esfera do desejo, que tornaria o sujeito homogêneo e monolítico. Em outras palavras, esse sujeito seria indiferente às particularidades da política ou da economia globalizada, marcadas essencialmente pela divisão internacional do trabalho, realidade desconhecida ou ignorada por filósofos ocidentais – como Deleuze e Foucault – que não conhecem a prática de vida de países do “Terceiro Mundo”. Esse deslizamento ocorre especialmente porque, segundo ela, a vida dos sujeitos desses países acaba sendo comparada à dos sujeitos de “Primeiro Mundo”. Segundo a autora, ao representá-los, “os intelectuais representam a si mesmos como sendo transparentes” (SPIVAK, 2014, p. 41)

por realizarem uma declaração sobre um sujeito não representado, analisando-o em função do desejo e do poder.

Dessa forma, o sujeito é, para a autora, heterogêneo e descentralizado, sendo capaz de revelar a descontinuidade desses dois sentidos da “representação”. Ao considerar necessário oferecer a explicação de uma narrativa da realidade que fora estabelecida como normativa, a autora recorre ao exemplo do sacrifício de viúvas na Índia, quando o país se via sob o domínio inglês. Spivak volta-se ao mundo indiano pelo fato de sua nacionalidade e sua educação terem sido indianas, podendo, por isso, argumentar com certa autoridade. Entre os aspectos observados pela autora sobre o ato de imolação das viúvas indianas, destaca-se, aqui, o papel inferior da mulher em uma sociedade patriarcal, que, embora em sua obra tenha recebido atenção sobre uma realidade muito particular, pode-se considerar este fato adaptável a qualquer acontecimento, como argumenta Spivak:

Entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da ‘mulher do Terceiro Mundo’, encurralada entre a tradição e a modernização. Essas considerações poderiam revisar cada detalhe de julgamentos que parecem válidos para uma história da sexualidade no Ocidente (SPIVAK, 2014, p. 157).

Spivak não afirma que o intelectual do Ocidente deva parar de falar em nome do sujeito subalterno. Ele pode, sim, representá-lo, mas seu cuidado maior deve ser o de não correr o risco de silenciá-lo ainda mais, ou melhor, seu papel deveria ser o de tornar-se um intermediário, um propagador da voz do sujeito subalterno, que merece falar e ser ouvido. A escrita de Conceição Lima configura uma dessas possibilidades de o sujeito subalterno ser ouvido, especialmente pelo fato de ser uma mulher, africana, poeta, intelectual e jornalista, ou seja, papéis cuja representatividade torna-se ainda mais contundente.

Lançando, portanto, um olhar contestador sobre os discursos hegemônicos que atuam na realidade cotidiana de países subdesenvolvidos, a obra de Conceição revela a voz do sujeito feminino que, se ao primeiro olhar, aparenta ser subalterno, contrariamente, eleva-se por meio do discurso poético. No poema “Mátria” (LIMA, 2004, p. 17- 18), de *O útero da Casa*, o eu poético declara:

Quero-me desperta
se ao útero da casa retorno
para tactear a diurna penumbra
das paredes
na pele dos dedos rever a maciez
dos dias subterrâneos
os momentos idos

Creio nesta amplidão
de praia talvez ou de deserto
creio na insônia que verga
este teatro de sombras

E se me interrogo
é para te explicar
riacho de dor cascata de fúria
pois a chuva demora e o obô entristece
ao meio-dia

Não lastimo a morte dos imbondeiros
a Praça viúva de chilreios e risonhos dedos

IPOTESI, JUIZ DE FORA, v.21, n.1, p.28-45, jan./jun. 2017

Um degrau de basalto emerge do mar
e nas danças das trepadeiras reabito
o teu corpo
templo mátrio
meu castelo melancólico
de tábuas rijas e de prumos.

A poética de Conceição Lima consubstancia a voz de um território insular pós-colonial ansioso por eliminar as sequelas da dependência e reconstruir sua plena individualidade. Como porta-voz, ela recria sua terra de origem com uma linguagem afetiva reconhecendo-a como “Mátria” porque, na produção poética feminina, emerge o corpo físico da terra na busca por um elemento de consolidação de seu próprio eu. A relação íntima do eu poético com a sua terra mãe é essencial para se compreender a subjetividade feminina africana, uma vez que o continente é metaforizado pelo útero materno ao qual o eu poético retorna e ao qual ele chama de casa.

Personificada, a casa adquire características que impelem o eu poético, criticamente desperto, a realizar uma atividade de rememoração que logo reconhece, na amplidão de praia ou de deserto, a familiaridade da paisagem africana. A personificação do continente torna-se, portanto, um espaço no qual se interroga, “em riacho de dor cascata de fúria”, sobre as perdas sofridas, apesar de ter que aceitar, conformado, a morte dos imbondeiros – símbolo do continente e de um passado que deixou manchas indeléveis na memória –, bem como a Praça viúva de risadas da infância. O degrau de basalto que emerge do mar, referindo-se a São Tomé e Príncipe, é, no entanto, forte e de “tábuas rijas” como o “castelo melancólico” ao qual o eu poético compara. Seu país novamente se configura no “templo mátrio” que adquire duplamente um caráter de intimidade e segurança, como o ventre materno.

A casa, em cujo útero da memória o eu poético mergulha e revive em seu corpo de mulher, ou mesmo no corpo da ilha, bem como as lembranças do passado de sua família, do arquipélago e de sua própria juventude, sugerem que o eu poético situa-se longe de sua terra, o que pode ser revelado nos versos “Quero-me desperta/ se ao útero da casa retorno” (LIMA, 2004, p. 17).

É possível perceber, portanto, que há nesse caso um retorno, que, mais do que físico, é, sobretudo, temporal. Ainda assim, nota-se uma identidade diaspórica, que é transformada à medida que também o é a subjetividade do eu poético, a fim de revelar, nas palavras de Paul Gilroy, “a intimidade diaspórica lúdica que tem sido característica marcante da criatividade transnacional do Atlântico negro” (2012, p. 59). A história desse Atlântico negro, marcada pelas lutas de emancipação e autonomia, contribui para a realização de uma análise dos problemas de nacionalidade, identidade e memória histórica.

No país de Akendenguê, última obra publicada pela poeta, é dividida em sete cantos seguidos por epígrafes de intelectuais de língua portuguesa que, ao mesmo tempo, “servem para guiar o leitor e para definir as coordenadas culturais da autora” (MACEDO in LIMA, 2011, p. 13). Em um de seus poemas, nota-se o diálogo com “Mátria”:

Para te encontrar levantarei os prumos.
Inventarei as casas nos mesmos rios
Para nos descobrir
(LIMA, 2011, p. 28)

A emblemática “casa” torna-se mais uma vez um arquétipo do útero feminino de proteção e vitalidade no qual a criação de uma nova nação se constitui como metáfora. Ao estabelecer uma viagem ao corpo feminino representado muitas vezes pelas águas eternas de

um rio, ou pelas ondas do mar que aludem ao seio materno, Conceição Lima ultrapassa questões de gênero, etnia e nação, mesmo que sua escrita seja considerada essencialmente feminina e africana.

Carole Boyce Davies desconstrói o conceito de lar/casa – *home* (1994, p. 49) – que sofre um processo de transformação no transcurso da descolonização e da diáspora. Para a autora, o termo não configura apenas um lugar, mas localidades cujas perspectivas do sujeito encontram-se em constante mudança, uma vez que a realidade passa a ser vista sob diferentes olhares. No poema intitulado “Circum-navegação” (LIMA, 2011, p. 106- 107), é possível perceber essa desconstrução:

Os barcos regressam
carregados de cidades e distância.

Adormecem os grilos
Uma criança escuta a concavidade de um búzio.

Talvez seja o momento de outra viagem
Na proa, decerto, a decisão da viragem.

Aqui se engendram alquimias
Lentos hinos bordados em lacerações
Sossegaram os mortos
Há grutas e pássaros de fogo
Rebentos de incômodos recados

O difícil ofício de lavrar a paciência.

Acontece a arte da viragem
Tanta aprendizagem de leme e remendo...

É quando o olho imita o exemplo da ilha
E todos os mares explodem na varanda.

Na chegada ou na partida, o périplo constitui a profusão fertilizadora e criativa da consciência. Por isso, é tão difícil voltar ao lar, à casa de origem, ao mesmo tempo em que é igualmente penoso assumir identidade diaspórica. Sobre essa problemática de dupla consciência assumida pelo sujeito, especialmente estando inserido em uma sociedade racista e etnocêntrica, cuja prática em relação ao reconhecimento do outro se dá pela exclusão ou divisão, habitar um entrelugar parece ser, segundo Paul Gilroy, um ato “provocador e mesmo opositor de insubordinação política” (2012, p. 35). Diante disso, é natural perceber o sentimento de inquietação do sujeito poético, que, logo após a chegada, “carregados de cidades e distâncias”, pressente que talvez já seja a hora de outra viagem, “a decisão da viragem”. Sobre esse desconcerto, Stuart Hall explica bem:

Muitos sentem que a ‘terra’ tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estarem em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente (HALL, 2009, p. 27).

Indaga-se, a partir de então, sobre como a identidade cultural, assim como as noções de pertencimento, podem ser construídas por meio da experiência da diáspora. A resposta talvez seja encontrada nos processos de criouliização ocorridos, bem como nos problemas de identidade gerados nesses territórios, devido às chegadas e partidas – forçadas ou não – de

identidades diaspóricas. Vale ressaltar que a própria Conceição sustenta essa característica, visto que, na juventude, partiu de São Tomé e Príncipe para estudar Jornalismo, em Portugal, e, após alguns anos, licenciou-se em Estudos Afro-Portugueses e Brasileiros pela *King's College*, de Londres, cidade onde passou a residir e trabalhar.

Ao final do poema, evidencia-se o caráter despersonalizante do eu poético, no qual, ao contemplar o horizonte, espelham-se lembranças que, no oceano sempiterno, trespassam seu ser: “é quando o olho imita o exemplo da ilha / e todos os mares explodem na varanda” (LIMA, 2011, p. 107). Desvela-se a confluência de todos os mares em um, que explodem na varanda, ou mais, de todas as identidades que se encontram e revelam o uno e o inextricável na “totalidade-mundo” do poema, para lembrar de Glissant (2005).

Para Davies, o processo de migração “cria um desejo pela casa, que por sua vez, produz uma reescrita da casa” (1994, p. 113, tradução nossa)⁷. Esse excerto explica o motivo pelo qual escritoras migrantes nutrem um desejo de escrita sobre sua terra de origem, que decorre muito frequentemente da nostalgia e da saudade de casa, uma vez que o conceito de *home* só se torna significativo quando se experiencia uma forma de deslocamento: “A mulher como escritora, então, duplamente, rompe com a narrativa perfeita de casa, assim como a de nação” (DAVIES, 1994, p. 113, tradução nossa)⁸, constata a autora, conferindo-lhe em contraponto uma ideia fluida. Paralelamente, Wendy Walters (2005), em sua obra *At home in diaspora*, realiza uma pesquisa sobre a forma como os autores negros contemporâneos, ao viverem em vários continentes, se autodefinem em meio às multiplicidades culturais. A autora observa que, embora seu estudo aborde especificamente narrativas diaspóricas africanas do século XX, “a literatura de diáspora certamente não é nova” (WALTERS, 2005, p. viii, tradução nossa)⁹.

A autora estabelece uma relação entre narrativas e deslocamentos, na medida em que, para ela, o “deslocamento cria uma distância que permite aos escritores realizarem críticas de suas terras natais, para construírem novas pátrias, e imaginarem, assim, novas comunidades” (WALTERS, 2005, p. viii, tradução nossa)¹⁰. Para a autora, a ideia de identidade diaspórica na literatura é mais do que apenas uma *performance* literária. É, sobretudo, um ato político (WALTERS, 2005, p. ix), especialmente pelo fato de essa escrita ser capaz de exceder barreiras físicas e simbólicas, na medida em que seu maior interesse encontra-se nas particularidades em que são redefinidos os conceitos e os anseios de lar.

Além disso, Walters desconstrói a ideia de que as noções de lar (*home*) e de diáspora precisam ser necessariamente opostas, como se o sujeito em diáspora não pudesse estar em casa ou mesmo redefinir a ideia de uma. Pelo contrário, esses autores são capazes de criar uma escrita “que performa um lar na diáspora” (WALTERS, 2005, p. x, tradução nossa)¹¹. Nesse sentido, Walters deixa claro um posicionamento:

Não estou sugerindo que o conceito de diáspora permite que os escritores negros vivam fora dos poderes hegemônicos dos Estados-nação ou da categorização nacional de público literário, editores, comunidades de leitura e assim por diante. Em vez disso, seu trabalho pode ser lido como resistência a essa hegemonia e, desse modo, nos apresentar maneiras de pensar além do Estado-nação e do capital transnacional como forças organizadoras de identidade (WALTERS, 2005, p. xi, tradução nossa)¹².

Em vista disso, a pretensão sumária é intervir na ordem geográfica estabelecida que opõe movimento à estagnação, bem como migração à habitação (WALTERS, 2005, p. xii), de forma que o conceito de “Diáspora”, para a autora, possa ser capaz de exprimir não apenas a escrita produzida por memórias de migrações forçadas, deslocamentos,

escravidão e dominação colonial, mas, sobretudo, quaisquer movimentos que interferem ou são diretamente influenciados pela percepção de lar (*home*) por parte de seus autores.

Em sua obra, portanto, procura-se evidenciar de que forma é possível que a escrita de autores africanos diaspóricos, sobre o seu território de origem, sustenta, ao mesmo tempo, um caráter afetivo e conflituoso em seu íntimo, sem, contudo, deixar de exprimir reflexões sobre “identidades raciais, comunidades diaspóricas, e cidadanias pós-nacionais” (WALTERS, 2005, p. xv, tradução nossa)¹³. Assim sendo, Wendy Walters crê que a identidade desses autores é essencialmente motivada pela ideia mais íntima que nutrem de *home*. No poema intitulado “Inegável” (2012, p. 54), canta-se:

Por dote recebi-te à nascença
e conheço em minha voz a tua fala.
No teu âmago, como a semente na fruta
o verso no poema, existo.

Casa marinha, fonte não eleita!
A ti pertenço e chamo-te minha
como à mãe que não escolhi
e contudo amo.

Nota-se o sentimento de identificação do eu poético pela “casa marinha”, sua terra, recebida como presente desde o nascimento. A relação estreita cultivada pelo eu poético e seu lar é ainda mais intensa pela constatação do segundo verso – “e conheço em minha voz a tua fala” –, bem como pelo reconhecimento de que a consciência de sua existência só se realiza a partir do momento em que o eu poético se vê no útero da casa, isto é, seu lar, a casa marinha, possivelmente a representação metonímica de São Tomé e Príncipe. O duplo vínculo de pertencimento e posse permite transparecer uma conexão semelhante à existente entre mãe e filho: inerente aos laços familiares que os unem, da mesma forma, o eu poético liga-se a *home*.

Se Conceição Lima pode ser considerada uma escritora diaspórica, vale ressaltar que sua escrita também é capaz de redefinir as noções de *home*, bem como a ideia de nação, e contribuir para que o mundo possa ser explicado por meio de novas perspectivas. Além disso, sua poesia permite ressignificar o conceito de *home* e revelar perfeitamente a questão da marginalidade no tecido das relações humanas, porque, nesse processo, o sujeito é apto a negociar e confrontar construções sociais e de gênero, por exemplo, de classe e exploração trabalhista, uma vez que a estrada – em seu sentido também metafórico – é o lugar não só de deslocamentos, mas também de possibilidades de construção de novas relações.

A prodigalidade da poética de Conceição Lima tem-se convertido em uma referência no meio das literaturas femininas africanas de língua portuguesa, porque une, no exercício da rememoração do passado e do presente de seu país/continente, com muita sutileza, o lugar social da mulher. Por esse motivo, Inocência Mata declara que suas obras estabelecem um regresso “à história, à geografia e à mitologia não apenas do país (...), mas de toda África” (2006, p. 236), estabelecendo relação limítrofe entre o factual e o poético, entre a memória e a imaginação. O poema “Regaço de upa”, d’*O útero da casa*, evidencia essa relação:

À minha mãe

De que servirá o canto
embora claro

quando tu te ausentares
e o silêncio possuir a madrugada?

Quem despirá do frio
as horas
quando inertes as mãos quedarem
sem memória?
(LIMA, 2004, p. 55)

Pela dedicatória, nota-se claramente que há um receio progresso da perda – seja ela física ou afetiva – de sua mãe. Em “Regaço de upa”, estabelece-se um retorno à infância, por meio do qual o principal indício, encontrado no título, remete à brincadeira doméstica, na qual a criança simula brincar de cavalinho no colo de um adulto. Materializada na memória como um símbolo de calor, proteção e afago, a figura materna, cuja força irrevogável suplantara qualquer outra, permanece presente mesmo quando o eu poético reconhece que as horas e o silêncio serão a sua derradeira companhia quando o destino impuser sua força. Embora receie a solidão, a ligação íntima entre mãe e filha parece inabalável.

Para a estudiosa feminista nigeriana Oyèrónké Oyewùmí, em seu artigo “Laços Familiares/Ligações conceituais: notas africanas sobre epistemologias feministas” (2000), em todos os arranjos familiares africanos, o elo mais forte e importante é a mãe – independente das normas que o casamento siga – porque ela representa um laço natural e inquebrável. Além disso, os vínculos consanguíneos, em detrimento dos conjugais, são considerados os verdadeiros organizadores das famílias africanas. No entanto, a autora ressalta que “a maternidade não é construída em conjunto com a paternidade. A ideia de que as mães são poderosas é muito mais uma característica definidora da instituição e seu lugar na sociedade” (OYEWÙMÍ, 2000, p. 5).

Não obstante seja possível prever um ambiente doméstico e familiar ao qual pertence a mãe do sujeito poético, cuja casa pode ser, por um lado, configurada com uma ideia de refúgio e acolhimento, por outro, ela também pode simbolizar um lugar compelido e limitado no qual o domicílio conceitual quase nunca é ultrapassado pela mulher. “Como um caracol, ela carrega a casa” (OYEWÙMÍ, 2000 p. 3) consigo, observa a autora. Em ambos os casos, compreende-se que o mundo feminino é sempre privado e recluso, enquanto a realidade masculina é pública. Isso leva à constatação de que diferenças de gênero ainda hoje são determinantes para a organização e o funcionamento das famílias, bem como para a opressão e a hierarquia dentro delas¹⁴.

Paralelamente, para Jean Chevalier, na obra *Diccionario de los símbolos* (1986), a casa representa o centro do mundo e a imagem do universo. Segundo o autor, entre seus vários significados simbólicos, “a casa é também um símbolo feminino, com o sentido de refúgio, materno, de proteção ou o seio materno”¹⁵ (CHEVALIER, 1986, p. 259, tradução nossa). Chevalier observa também que o símbolo em torno do termo “mãe” pode relacionar-se com mar e terra no sentido de que ambos são receptáculos de matrizes da vida e símbolos do corpo materno: se, ao nascer, saímos do ventre da mãe, ao morrer, retornamos à terra. Para tanto, é interessante notar que essa relação íntima existente entre a figura materna e a terra em que se habita é percebida, também, por Conceição Lima quando, no processo de formação da palavra “Mátria”, faz uma composição pela aglutinação das palavras “mãe” e “pátria”.

Vale ressaltar que “útero”, o “regaço”, resguarda uma dupla simbologia: como ventre e, por isso, como local de abrigo e refúgio, pode ser, também, um espaço arrebatador, se considerarmos que ele é capaz de se converter em uma prisão cerceadora da liberdade da mulher. Contudo, na mesma entrevista concedida a Raquel Santos, no

programa *Entre nós*, citada no capítulo anterior, pode-se notar que, para Conceição Lima, a compreensão de útero – ou mesmo, seu lar, – não configura um espaço de aprisionamento:

O útero da casa, o útero, a cova materna, o ponto de partida, o útero que é ele próprio. É a primeira casa. A nossa primeira casa. O útero da casa é... não é senão uma expressão das vozes, dos lugares, dos afetos, das dores e alegrias, dos sonhos e as pirações que constituem o meu ser. E, na medida em que o meu ser não se esgota em si, eu não me esgoto em mim, como humana que sou [...], estas dores e alegrias tocam-me e tocam a tudo aquilo que comigo se relaciona, portanto, não se esgota nem em mim... a casa não se esgota nem em mim, nem o arquipélago, que é a minha primeira casa. (UNIVERSIDADE ABERTA, 2014).

Em diálogo com o poema “Mátria” e com a sua própria fala, a ideia de lar como proteção, em sua poética, é transgressora no poema “A casa”, uma vez que esta se traveste no país que o eu poético tenciona construir:

Aqui projectei a minha casa:
alta, perpétua, de pedra e claridade.
O basalto negro, poroso
viria da Mesquita.
Do Riboque o barro vermelho
da cor dos hibiscos
para o telhado.
Enorme era a janela e de vidro
que a sala exigia um ar de praça.
O quintal era plano, redondo
sem trancas nos caminhos
Sobre os escombros da cidade morta
projectei a minha casa
recortada contra o mar.
Aqui.
Sonho ainda o pilar –
uma rectidão de torre, de altar.
Ouço murmúrios de barcos
na varanda azul.
E reinventando em cada rosto fio
a fio
as linhas inacabadas do projecto.
(LIMA, 2004, p. 19)

Na perspectiva desse poema, o espaço da casa pode ser visto como metáfora de um projeto de nação que, aos poucos, é idealizado pelo eu poético. A materialidade com a qual constrói sua pátria assemelha-se à construção de uma casa, edificada “sobre os escombros da cidade morta”, isto é, sobre as ruínas de uma cidade colonial, marcada pelos tempos de escravidão, e, mais tarde, pelo neocolonialismo. Contudo, esse tempo não é de todo apagado, uma vez que se anseia renascer sobre as cinzas uma casa construída de “basalto negro” e “barro vermelho” – alusão clara ao período em que se apropriava da mão-de-obra escrava, bem como do sangue derramado em meio aos tempos de dor e sofrimento. Nota-se que a formação de uma nação promissora nem sempre pode omitir o seu passado.

Embora, ao fim, a pátria seja “alta, perpétua, de pedra e claridade”, aberta para o mundo, forte e sólida, há em seu íntimo as chagas de um momento do qual não se pode esquecer, visto que se encontra intimamente enleado com o presente: tempo em que se realiza, por sua vez, uma espécie de “reavaliação do passado que resulta na consciência de que aquele tempo, afinal, já continha ‘presságios hostis’” (MATA, 2006, p. 243).

Concretizado o projeto de nação, na última estrofe, o eu poético vê emergir do mar não a sua pátria, mas o “templo mátrio”, porque sua nação assemelha-se à fortaleza, ao sacrifício e à persistência feminina.

No processo de colonização, o colono usurpa as terras, redefine as fronteiras geográficas, impõe sua língua, suas crenças, oprime e explora os sujeitos colonizados. Estes nutrem um sentimento semelhante ao “desabrigado” – *homelessness* (DAVIES, 1994) –, uma vez que o conceito de lar é transfigurado. A escrita de autores que pertenceram a esse contexto “se torna um elo crítico na articulação de suas identidades. É um jogo de resistência à dominação que identifica de onde nós viemos, mas também situa a casa [*home*] em suas muitas experiências transgressivas e disjuntivas” (DAVIES, 1994, p. 115, tradução nossa)¹⁶. De fato, a obra de Conceição Lima parece redefinir os conceitos de identidade e territorialidade, quando tenciona descolonizar discursos dominantes em um momento em que as fronteiras geográficas na atualidade têm-se liquefeito à ordem de promover uma consciência transcultural a favor do encontro das diferenças.

O poema intitulado “São João da Vargem” (LIMA, 2012, p. 57- 66), dividido em quatro partes nas quais, em um traço autobiográfico, a poeta recorda-se de seu passado permeado por uma infância feliz e despreocupada. Aos poucos, caminhamos vagarosamente com ela para o despertar de uma consciência crítica, na qual, o eu poético sutilmente vai reconhecendo, à sua volta, lembranças, enraizadas na terra, de um passado mais doloroso, que lhe eram alheios até então:

São João da Vargem

I O anel das folhas

Quando eu não era eu
Quando eu ainda não sabia que já era eu
Quando não sabia que era quem sou
os dias eram longos e redondos e cercados
e as noites profundas como almofadas.

O sol nascia todos os dias e todas as tardes e se despedia
e a lua brilhava todas as noites para morrer ao amanhecer.

O mundo era grande e eu era fechado como um anel
e eu era grande, eu tinha o mundo, eu tinha o anel.

[...]

O micondó era a força parada e recuada
escutava segredos, era soturno, era a fronteira
e tinha frutos que baloiçavam, baloiçavam
nunca paravam de baloiçar.

Não havia horas, ninguém tinha pressa
senão minha mãe
E eu amava na doce vénia dos canaviais
O restolhar de verdes folhas e ondas mansas.
(LIMA, 2012, p. 57)

É possível notar, na primeira parte desse poema, que a recordação da infância do eu lírico é marcada por um tempo de afetivas lembranças nas quais a própria natureza agia em confluência e em harmonia com esse período de inocência. As noites eram profundas e aconchegantes, o sol e a lua respeitavam a cadência de seu espaço no céu e, finalmente, o

micondó – árvore milenar cujas fortes e profundas raízes são capazes de sorver e reter em seu tronco até 120 mil litros de água, carregando, por isso, uma força mítica, especialmente por atravessar gerações, incólume –, evocado no poema, é personificado com a mesma característica dos grandes anciãos africanos, respeitados por sua idade e sabedoria, altivos e soberanos, cujo mistério é visto de forma especial aos olhos fascinados de uma criança. A simplicidade e a pureza dos longos dias de meninice e das noites acolhedoras contrastam especialmente com a ideia de lembrança de um passado que não deixa de ser idealizado, considerando que o eu lírico reconhece saber que nesse tempo não tinha consciência sequer de si mesmo.

Todavia, os versos “Quando eu não era eu/ Quando eu ainda não sabia que já era eu” (LIMA, 2012, p. 57) revelam, por meio da conjunção subordinativa temporal “quando”, que o passado felizmente não é estático e que a percepção sobre ele será transformada ao longo do poema. Logo na segunda parte, intitulada “A sombra do quintal” (LIMA, 2012, p. 61- 62), é sutilmente revelada ao leitor a realidade por trás desse passado, que, aos olhos pueris de uma criança, passou despercebida, especialmente nas estrofes que se seguem:

[...]
Na canoa de andim, relíquia de pedra dos tempos do avô
eu voltava à rede que nunca dormia em minha mãe
e deslizava no velho vagão sobre os carris
que já não transportavam montões de cacau.

E eu rodopiava e o mundo girava
girava o terreiro, o kimi era alto
e no tronco eu não via não via não via
o torso rasgado dos serviçais.

[...]
(LIMA, 2012, p. 61)

A consciência verdadeira do passado, revelada pelo eu lírico adulto, deixa transparecer uma espécie de autojustificativa pelo fato de, apesar de esse tempo de dor e sofrimento muito presente envolver seus dias de criança, ela não só rodopiava feliz no mesmo tronco de árvore (“kimi”) ao qual eram castigados os “serviçais”, em tempos anteriores, mas também brincava no mesmo vagão que antes transportava cacau, matéria-prima (ainda hoje) mais explorada no país¹⁷. Evidencia-se, portanto, uma lembrança que, mesmo sendo fruto da ingenuidade infantil, revela, por meio da anáfora “não via não via não via”, a necessidade atual de confissão, por parte do eu lírico/ da poeta, por ter vivido, nessa época, alheia a esse período, ainda muito próximo, de servidão.

O terceiro canto intitulado “As vozes” (LIMA, 2012, p. 62- 63) é dedicado às mulheres da família e da comunidade onde a poeta passou a sua infância. Revela-se nessa parte uma lembrança íntima e triste da realidade vivida pelas mulheres de duas gerações: por um lado, remetendo-nos provavelmente à época reverenciada no canto anterior, as mais velhas, que falavam de seus fantasmas, “abrindo tempos que eu não entendia” (LIMA, 2012, p. 62), eram velhas primas “com ecos de ontem na palma das mãos” (LIMA, 2012, p. 62); por outro lado, amigas e comadres de sua própria mãe que compartilhavam uma dor semelhante, embora em um tempo distinto, ou seja, mulheres que já viviam o período pós-independência e não conseguiam vislumbrar a possibilidade de um futuro feliz e promissor, tampouco para as gerações vindouras:

[...]

Além das folhas, além dos troncos, além do anel
havia as comadres de minha mãe.
Havia Vingá que era peixeira e era a mulher
de um pescador.
A velha Malanzo, Adelina e Nólia, eram todas peixeiras.
E havia as filhas que eu não sabia que iriam ser peixeiras também.

Pois eu corria pelo quintal, eu descobria o canavial
o mundo era plano, eu tinha o quintal.
(LIMA, 2012, p. 63)

No quarto e último canto, “Os olhos dos retratos” (LIMA, 2012, p. 64- 66), a poeta recorda-se das fotografias de seus antepassados que adornavam as paredes na casa em que crescera. Fechando o poema da mesma forma em que o iniciara, crê-se na ideia de um tempo cíclico, que ainda há de ser lembrado:

Quando eu não sabia que era eu
Quando eu sentia que o mundo era meu
Quando eu não sabia o mundo que era eu

A casa crescia em pernas de pedra
com quartos enormes salas enormes
o enorme telhado de telhas vermelhas
e aquela varanda que não tinha fim.
[...]
Eram altas as paredes, lisas as tábuas
com sérios rostos que não falavam
nunca franziam, jamais sorriam
e olhavam p’ra longe, não para mim.
[...]
A voz do meu pai punha caras concretas
naquelas caras que eram altas, eram difusas
e olhavam p’ra longe, não para mim.
[...]
Eram contos antigos que me fascinavam
eram lendas da casa que me embalavam
e eu gostava daquele tom na voz do meu pai.

E eu escutava, depois dormia, depois sonhava.
Eu não meditava, eu não perguntava, eu não decifrava.

Porque eu buscava a voz do sótão
quando fugia com as borboletas
e eu voava com as viúvinhas
quando corria e me escondia atrás dos troncos.

Porque eu amava o sussurro dos canaviais
Quando a verdade falava no grande quintal.
E eu dormia em paz, a casa era limpa no centro do anel.
(LIMA, 2012, p. 64- 66)

O desfecho desse poema revela a forte presença dos antepassados familiares que permanecem, ao mesmo tempo, espectadores da vida da criança e testemunhas de um tempo que não pode ser esquecido. Olhos severos e distintos que rememoram silenciosamente o passado, e cuja voz é substituída pela narração de seu pai. Embora a criança ouvisse atenta e curiosa sobre a vida de seus ancestrais, ela apenas “escutava” e “dormia” para depois sonhar.

IPOTESI, JUIZ DE FORA, v.21, n.1, p.28-45, jan./jun. 2017

Nota-se, portanto, novamente a necessidade de revelar que, nessa época, ela era incapaz de “meditar”, “perguntar” ou, sobretudo, “decifrar” as imagens nas paredes, e as histórias contadas por seu pai. Não porque era impossibilitada de ver, mas porque era comprometida com a infância ingênua e inocente, cujas imagens, até as mais duras, eram transformadas em brincadeiras de criança, mesmo quando “a verdade falava no grande quintal”.

Embora, nesse poema e em outros analisados neste capítulo, a escrita de Conceição Lima tome um rumo mais pessoal, uma vez que suas experiências particulares, unidas às vivências de seus antepassados se tornam temáticas de seus poemas, é relevante observar como as figuras que fizeram parte não só da história de sua gente, mas compuseram também a gênese de sua vida, apontam, nas palavras de Helder Macedo, “para uma partilhada perspectiva africana universalizante e, desse modo, define uma atitude oposta à que seria a de uma cultura colonial que visasse integrar-se numa cultura colonizadora” (LIMA, 2011, p. 7)¹⁸.

Em suma, a escrita de Conceição Lima tem a ambição de falar por todos, de forma que a construção de uma consciência crítica pode ser efetivada também por meio de sua poesia, atividade que configura em uma perspectiva feminista da sociedade em que cresceu. Assim como para bell hooks (2000), hoje precisamos urgentemente de movimentos feministas que falem por todos, uma vez que seu discurso é normalmente discutido apenas nos corredores das academias e em círculos das elites. Para a estudiosa feminista, precisamos reconhecer a realidade na qual vivemos: um mundo

onde mulheres rapidamente têm se tornando a maioria da nossa nação pobre, onde mães solteiras são patologizadas, onde não se dispõe de qualquer auxílio estatal de ajuda aos necessitados e aos indigentes, onde a maioria das mulheres, de todas as idades, não tem acesso ao sistema básico de saúde (HOOKS, 2000, p. xiv, tradução nossa)¹⁹.

Não obstante bell hooks tenha feito essa análise da sociedade, pautando-se nos problemas de raça, classe e gênero, presentes em seu país, Estados Unidos, vale ressaltar que esse olhar atento realizado pela autora pode facilmente ser transferido para qualquer realidade, especialmente aquela vivida por mulheres negras de países subdesenvolvidos ou emergentes.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a poesia de Conceição Lima fala em nome dessa grande massa feminina, vitimada pela sociedade patriarcal e machista, diariamente oprimida. Por esse motivo, os poemas selecionados neste artigo, entre vários aspectos, preocupam-se essencialmente com assuntos que perpassam o mundo feminino. As interseções do colonialismo, do patriarcado, enfim, das dinâmicas de poder e, sobretudo, de gênero, ganham espaço na poética de Conceição Lima, adquirindo um caráter disruptivo dos discursos nacionalistas pós-coloniais que tendem a ser totalizantes. A força da sua poesia se dá pelo reconhecimento de que o discurso feminino detém um poder que é capaz de transgredir os discursos dominantes e promover estratégias de reescrita que repensam o lugar de mulheres pertencentes às sociedades que sofreram processo de colonização.

Se a literatura é considerada um instrumento de mudança do real, ela também é transformadora, sendo, portanto, formadora de identidades (CALVÃO, 2006, p. 1). Por isso, fruto de uma construção visual e verbal que estranha o leitor mais desatento, seu texto provoca o desconforto, que é suplantado pela capacidade de Conceição em reposicionar o lugar da mulher na sociedade, e como metonímia, seu próprio país e continente, a fim de que eles sejam vistos, reconhecidos e reescritos a partir de uma nova perspectiva. Essa capacidade de Conceição Lima permite-nos lançar um olhar em busca da essência de sua

consciência poética que, ao assumir uma linguagem subjetiva, permite vislumbrar em sua escrita, um discurso de nacionalidade, travestido pela palavra feminina.

The metapoetics of *home* in the work of Conceição Lima

ABSTRACT: It is intended to launch a questioning regard on the hegemonic discourses acting on the daily reality of underdeveloped countries, so as to investigate whether the subaltern subject has a voice in the work of Conceição Lima, hencing the female black subject. It is proposed to look closely into the merging lieus of cultural multiplicities that contribute to renegotiating experiences, on the purpose of explore how her writings redesign issues concerning her identity which is, especially, diasporic.

Keywords: Conceição Lima; female literature; poetry of São Tomé and Príncipe.

* O presente artigo constitui uma adaptação do segundo capítulo da dissertação de mestrado intitulada “Escritas indeléveis em veredas distópicas: manifestações de identidade e subjetividade na obra poética de Conceição Lima”, defendida em 15 de dezembro de 2017 por Élen Rodrigues Gonçalves, sob a orientação de Prisca Agustoni de Almeida Pereira, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

** Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e doutoranda pela mesma universidade.

*** Professora adjunta da Faculdade de Letras da UFJF e orientadora do artigo.

¹ Vale ressaltar o sentido simbólico, e não apenas o concreto, evocado por esses mapas geográficos idealizados, citados por Davies.

² “Geography is linked deliberately to culture, language, the ability to hear and a variety of modes of articulation. It is where one speaks from one and who is able to understand, to interpret that gives actuality to one’s expression”.

³ O termo “mulheres Negras”, em letra maiúscula, foi utilizado em respeito à forma original “Black women”, que aparece na obra de Carole Boyce Davies (1994).

⁴ “the autobiographical subjectivity of Black women is one of the ways in each speech is articulated and geography redefined”.

⁵ Optamos por manter a expressão “Terceiro Mundo”, nesse caso, por se tratar das expressões utilizadas por Davies e Spivak em suas obras supracitadas, porém, ao longo da dissertação, será mantido o termo “pós-colonial”.

⁶ “Spivak’s work is important [...] when she articulates the theoretical underpinnings of dominant discourses and provides strategies of reading which mark startling connections”.

⁷ “[...] creates the desire for home which in turn produces the rewriting of home”.

⁸ “The woman then doubly disrupts the seamless narrative of home and so on of nation”.

⁹ “the literary of diaspora is certainly not new”.

¹⁰ “displacement creates a distance that allows writers to encode critiques of their homelands, to construct new homelands, and to envision new communities”

¹¹ “that performs a home in diaspora”.

¹² “I am not suggesting that the concept of diaspora allows black writers to live outside either the hegemonic powers of nation-states or the nation-bound categorizing of literary audiences, publishers, reading communities, and so on. Rather, their work can be read as resistance to this hegemony and thereby it presents us with ways to think beyond both the nation-state and transnational capital as organizing forces of identity”.

¹³ “racial identity, diasporic community, and postnacional citizenship”.

¹⁴ É interessante observar que esta divisão entre público e privado constitui a base do discurso que segrega a mulher no segundo plano e no plano da “intimidade” como jaula, em vários discursos teológicos e sagrados, não só ocidentais (na Bíblia, na Torah e no Corão), como também, nas sociedades em geral, e, especialmente, em vários contextos culturais africanos.

¹⁵ “la casa es también un símbolo femenino, con el sentido de refugio, madre, protección, o seno materno.”

¹⁶ “becomes a critical link in the articulation of identity. It is a play of resistance to domination which identifies where we come from, but also locates home in its many transgressive and disjunctive experiences”.

¹⁷ O cacau no mercado exterior representa 67% das exportações de São Tomé e Príncipe, sendo a principal movimentação da economia do país, além dos investimentos atuais com o turismo nas ilhas. Informação colhida do site *Mercados & Estratégias*. Disponível em: <<http://www.mercadoseestrategias.com/news/sao-tome-e-principe-a-situacao-economica-atual/>>. Acesso em: 28 fev 2017.

¹⁸ MACEDO, Helder. Prefácio. In: LIMA, Conceição. *No país de Akendenguê*. Lisboa: Caminho, 2011, p. 7- 19.

¹⁹ “Where women are fast becoming the majority of our nation’s poor, where single mother are pathologized, where no state aid is available to help the needy and indigent, where most females of all ages have no access to basic health care”.

REFERÊNCIAS

CALVÃO, Dalva. Agostinho Neto: Lugar da poesia em tempo de luta. In: SEPULVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa (Orgs.) *África & Brasil: letras em laços*. São Caetano do Sul: Yendis, 2006.v.1, p. 1- 21.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: HERDER, 1986. Disponível em: <<https://www.caja-pdf.es/2017/04/15/diccionario-de-los-simbolos-jean-chevalier-ilovepdf-compressed/diccionario-de-los-simbolos-jean-chevalier-ilovepdf-compressed.pdf>>. Acesso em: 07 ago 2017

DAVIES, Carole Boyce. *Black Women, Writing and Identity*. Migrations of the subject. USA: Routledge, 1994.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*. Tradução Cid Knipel Moreira. 2. ed. São Paulo: 34. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2012.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução Enilce Albergaria. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

HOOKS, bell. *Feminist theory: from margin to center*. London: Pluto Press, 2000.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Mulheres em São Tomé e Príncipe – RGPH 2012*. São Tomé: INE, 2014. Disponível em: <<http://www.ine.st/Documentacao/Recenseamentos/2012/TemasRGPH2012/6%20MULHERES%20Recenseamento%202012.pdf>>. Acesso: 31 jan 2017.

LIMA, Conceição. *A dolorosa raiz do Micondó*. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

_____. *O país de Akendenguê*. Lisboa: Caminho, 2011.

_____. *O Útero da Casa*. Lisboa: Caminho, 2004.

MATA, Inocência. *Polifonias Insulares: Cultura e Literatura de São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Colibri, 2010.

_____. A poesia de Conceição Lima: o sentido da história das rumações afetivas. *Veredas*: revista da associação internacional de lusitanistas. Porto Alegre. n. 7, 2006. P. 235- 251. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/es/artigo/poesia_de_concei%C3%A7%C3%A3o_lima_o_sentido_da_hist%C3%B3ria_das_rumina%C3%A7%C3%B5es_afetivas>. Acesso em: 01 Maio 2016.

_____. O universal e o local nas literaturas africanas: uma dicotomia sem suporte. *Ecos*. Mato Grosso. v. 1, n. 2, 2004 (2006). p. 11- 21. Disponível em: <<http://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1052/1142>>. Acesso em: 02 Mar 2017.

MCFADDEN, Patricia. Tornamo-nos feministas africanas contemporâneas: histórias, legados e os novos imperativos. *Série diálogo feminista*. Maputo. n.1, 2016. p. 1- 7. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/mosambik/13084.pdf>>. Acesso em: 15 Fev 2017.

OYÈWÚMI, Oyèronké. Family bonds/Conceptual Binds: African notes on Feminist Epistemologies. *Signs*, Vol. 25, No. 4, 2000, p. 1093-1098. Tradução para uso didático por Aline Matos da Rocha. Disponível em: <http://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8ronk%C3%A9_oy%C3%A8w%C3%BAmi_-_la%C3%A7os_familiares-liga%C3%A7%C3%B5es_conceituais._notas_africanas_sobre_epistemologias_feministas.pdf>. Acesso em: 28 jul 2017.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE: a situação econômica atual. *Mercados & estratégias*: Disponível em: <<http://www.mercadoseestrategias.com/news/sao-tome-e-principe-a-situacao-economica-atual/>>. Acesso em: 28 Fev 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

UNIVERSIDADE ABERTA. *Entre nós*: entrevista a Conceição Lima. Lisboa: Universidade Aberta, 2004. (26 min, 38s). Disponível em: <<https://vimeo.com/user34119652/review/161609391/5066226ed4>>. Acesso em: 12 jul 2017.

WALTERS, Wendy W. *At home in diáspora*: black international writing. London, Minneapolis: University of Minnesota, 2005.